

Capítulo Um

Nem acredito que estou novamente nesta estrada, a serpentear ao longo do lago onde as bétulas estão a morrer, a doença espalha-se de sul para norte, e reparo agora que têm hidroaviões para alugar. Mas isto ainda são os arredores da cidade; não a atravessámos, pois cresceu o suficiente para ter uma estrada de circunvalação, a isto chama-se sucesso.

Eu nunca a vi como uma cidade, mas como um último ou primeiro posto avançado, dependendo da direção que se seguisse, um amontoado de barracões e caixotes e uma rua principal com um cinema, o itz, o oyal, com o R vermelho fundido, e dois restaurantes que serviam idênticos hambúrgueres cor de cinza recobertos por um molho viscoso, e ervilhas de lata, pálidas e aguadas como olhos de peixe, e batatas fritas ensopadas em gordura. Pede um ovo escalfado, dizia a minha mãe, que pelas bordas podes ver se está fresco ou não.

Num desses restaurantes, antes de eu ter nascido, o meu irmão meteu-se debaixo da mesa e pôs-se a acariciar as pernas da empregada quando ela trouxe a comida; foi durante a guerra, e a empregada trazia umas meias de seda vegetal de um cor de laranja brilhante; ele nunca tinha visto igual pois a minha mãe não as usava. Noutro ano, corremos descalços pela neve até à rua, porque os nossos únicos sapatos se tinham estragado no verão. No carro, dessa vez, sentámo-nos com os pés embrulhados em mantas, a fazer de conta que estávamos feridos. Segundo o meu irmão, os alemães tinham-nos alvejado os pés.

Agora, porém, vou noutro carro, o do David e da Anna; tem formas cortantes e filetes cromados, um mostrengo pesado, antigalha com

dez anos. Para ligar as luzes, o David tem de enfiar a mão por debaixo do painel de instrumentos. Diz que não tem dinheiro para um carro novo, o que talvez não seja verdade. Ele conduz bem, reconheço, mas nem isso me impede de ir com a mão no puxador da porta. Para poder sair rapidamente em caso de necessidade. Não é a primeira vez que viajo com eles os três no mesmo carro, mas nesta estrada há algo que não bate certo, ou eles ou eu estamos no lugar errado.

Vou no banco de trás com as mochilas; este, o Joe, está ao meu lado a mascar chiclete e a segurar-me na mão, duas coisas que ajudam a passar o tempo. Eu examino-lhe a mão; a palma é larga, os dedos curtos contraem-se e relaxam, brincando com o meu anel de ouro, fazendo-o rodar, é um reflexo do dele. Tem mãos de camponês, eu tenho pés de camponesa, disse-nos a Anna. Hoje toda a gente sabe truques de magia, ela costuma ler mãos em festas, diz que é um substituto da conversa. Quando leu as minhas, perguntou: «Tens algum irmão gémeo?» Eu disse que não. «De certeza?», disse ela, «é que algumas das tuas linhas são duplas». Seguiu-me a pista com o dedo indicador. «Vejo que tiveste uma infância feliz, mas há aqui uma quebra esquisita.» Enrugou a fronte e eu disse-lhe que só queria saber até que idade ia viver, o resto podia passar à frente. Depois ela disse-nos que as mãos do Joe eram de confiança mas não sensatas e eu ri-me, o que foi um erro.

De perfil, ele parece o búfalo nas moedas americanas de cinco cêntimos, guedelhudo e de fronha achatada, com os olhos pequenos e semicerrados, o olhar desafiante mas demente duma espécie em tempos dominadora e hoje ameaçada de extinção. É assim que ele próprio se vê também: um ser deposto, injustamente. Secretamente, ele gostaria que lhe criassem uma espécie de parque, como uma reserva para aves. O belo Joe.

Ele percebe que eu o estou a observar e larga a minha mão. Depois tira da boca a chiclete, embrulha-a no papel de prata, cola-a no cinzeiro e cruza os braços. Isto significa que não devo observá-lo; olho em frente.

Nas primeiras horas da viagem atravessámos uma região de colinas achatadas, pontilhadas por vacas e árvores folhosas e esqueletos de ulmeiros mortos, depois passámos por coníferas e dinamitadas pedreiras de granito cinza e rosa, por frágeis cabanas de turistas e tabu-

letas a dizer PORTA DO NORTE, distinção reivindicada por quatro vilas. «O futuro está no Norte» fora em tempos um estribilho político; quando o meu pai o ouviu, disse que no Norte não havia nada a não ser passado, e mesmo esse não era muito. Onde quer que ele esteja agora, vivo ou morto, coisa que ninguém sabe, já não se dedica a fazer epigramas. Eles não têm o direito de envelhecer. Invejo as pessoas cujos pais morreram novos; torna-se mais fácil recordá-los, permanecem sem mudanças. Eu tinha a certeza de que os meus, pelo menos, não iriam mudar, podia deixá-los e regressar muito depois, que estariam na mesma. Eu via-os como se eles vivessem num outro tempo, como se vivessem a sua vida por detrás de uma parede tão transparente como gelatina, mamutes congelados num glaciar. Tudo o que eu precisaria de fazer era regressar quando estivesse preparada, mas ia adiando esse passo, haveria demasiadas explicações a dar.

Agora estamos a passar pela cortada que conduzia ao buraco escavado pelos americanos. Daqui parece uma colina inocente, forrada de abetos, mas os grossos cabos elétricos que se adentram pela floresta denunciam-nos. Ouvi dizer que eles se foram embora, mas talvez seja uma artimanha, podem perfeitamente continuar a morar no local, os generais em bunkers de betão e os soldados rasos em apartamentos subterrâneos com as luzes sempre acesas. Não há maneira de saber, porque eles não deixam entrar ninguém. A cidade convidou-os a ficar, eram bons para o negócio, bebiam imenso.

«Ali é onde estão os mísseis», digo eu. *Estavam*. Não corrijo.

O David diz: «Malditos ianques, porcos fascistas», como quem comenta o estado do tempo.

A Anna não diz nada. Tem a cabeça apoiada nas costas do banco, as pontas dos cabelos agitadas pela corrente de ar que entra pela janela, cujo vidro não fecha completamente. Antes tinha estado a cantar, cantara «House of the Rising Sun» e «Lili Marlene», ambas por várias vezes, tentando fazer uma voz gutural e profunda, mas sem conseguir mais do que parecer uma criança rouca. David ligou o rádio, mas não conseguiu apanhar nada, estávamos entre estações. Quando ela ia a meio de «St. Louis Blues», ele pôs-se a assobiar e ela calou-se. É a minha melhor amiga; conheço-a há dois meses.

Inclino-me para a frente e digo ao David: «A casa de garrafas fica depois desta curva, à esquerda». Ele acena com a cabeça e abranda.

Eu já lhes tinha dito, supondo que era o tipo de coisa que lhes interessava. Estão a fazer um filme, o Joe é quem opera a câmara, embora nunca o tenha feito antes, mas o David diz que eles são os novos Homens Renascentistas, que ensinam a si próprios o que precisam de aprender. A ideia partiu sobretudo do David, que se considera o realizador; já têm o genérico pronto. Ele quer filmar as coisas que vão encontrando, amostras aleatórias, como ele lhes chama, e que será também o título do filme: *Amostras Aleatórias*. Quando tiverem gastado toda a película (que se reduz à que puderam comprar; e a câmara é alugada) vão olhar para o material filmado e dar-lhe uma ordem.

«Como é que podes saber o que incluir no filme se não sabes qual é o tema?», perguntei eu ao David quando ele o estava a descrever. Ele olhou-me com um daqueles seus olhares de iniciado-para-noviço. «Se entras nisto de mente fechada, estragas tudo. Há que deixar correr.» A Anna, que preparava café junto ao fogão, disse que toda a gente que ela conhecia andava a fazer filmes, e o David disse que isso, foda-se, não era razão para ele não fazer também. Ela disse: «Tens razão, desculpa», mas ri-se do projeto nas costas dele, chama-lhe *Borbulhas Aleatórias*.

A casa de garrafas é feita com garrafas de refrigerantes assentes em cimento e com os fundos virados para fora, verdes ou castanhos, e dispostas em ziguezague como os padrões que na escola nos ensinavam a desenhar nas tendas de estilo pele-vermelha; em volta da casa há um muro também feito com garrafas, organizadas de modo a que as castanhas formem as letras de VILA GARRAFA.

«Porreiro», diz David, e saem ambos do carro com a câmara de filmar. Eu e a Anna saímos atrás deles; espreguiçamo-nos, e a Anna fuma um cigarro. Veste uma túnica roxa e calças à boca de sino, já manchadas com óleo do carro. Eu disse-lhe que devia ter vestido umas calças de ganga ou assim, mas ela diz que a fazem parecer gorda.

«Quem é que a terá construído? Caramba, pensa no trabalho que deve ter dado», diz ela, mas eu não sei nada a não ser que a casa está ali desde sempre, no meio de um pântano de abetos-negros que a tornam ainda mais inverosímil, absurdo monumento a um qualquer exilado espirituoso — ou talvez a um recluso voluntário como o meu pai —, que escolheu este pântano porque era o único sítio onde podia cumprir o seu sonho de viver numa casa feita de garrafas. Por detrás

do muro há uma tentativa de relvado e uma cercadura de malmequeres cor de laranja.

«Fixe», diz David, «está mesmo porreiro», e põe o braço sobre os ombros de Anna para mostrar a sua satisfação, como se a Vila Garrafa fosse da responsabilidade dela. Voltamos para o carro. Eu olho pelos vidros laterais como se fossem um ecrã de televisão. Não me lembro de nada até termos chegado à fronteira, marcada por um letreiro que diz BIENVENUE num lado e WELCOME no outro. O letreiro tem buracos de balas, contornados a ferrugem vermelha. Sempre teve. No outono os caçadores usam-no para ensaiar a pontaria; não importa quantas vezes os pintem ou substituam, os buracos de bala reaparecem, como se não fossem feitos deliberadamente, mas crescessem por uma espécie de lógica interna ou de infeção, como bolor ou furúnculos. O Joe quer filmar a tabuleta, mas o David diz, «Ná, para quê?».

Agora estamos na minha terra natal, território estrangeiro. A minha garganta contrai-se, como aprendeu a fazer quando descobri que as pessoas podiam dizer coisas que entravam nos meus ouvidos desprovidas de sentido. Seria mais fácil ser surdo-mudo. Os pedaços de cartão que eles nos metem à frente quando querem uma moeda, em alfabeto manual. Mesmo assim, é preciso que o saibamos ler.

O primeiro odor é o da serração, do serrim, de que há montes no pátio, junto a uns tabuões empilhados. A madeira destinada a pasta vai para outro lado, para a fábrica de papel, mas os troncos maiores são encurralados dentro duma barreira flutuante no rio, formada por um anel de troncos acorrentados, dentro da qual se entrechocam; o transporte para a serração não mudou, continua a fazer-se através duma calha alta e inclinada. O carro passa por baixo dela e estamos a subir em direção ao aldeamento da empresa, planeado de forma impecável, com canteiros públicos e um fontanário do século XVIII no meio, com golfinhos de pedra e um querubim a que falta uma parte da cara. Parece uma imitação, mas pode bem ser autêntico.

A Anna diz: «Uau, que grande fontanário».

«Foi a empresa que construiu tudo», digo eu, e o David diz: «Cabrões capitalistas», pondo-se de novo a assobiar.

Eu digo-lhe para virar à direita e ele vira. A estrada devia estar ali, mas em vez disso há uma tabuleta amassada. O caminho está cortado.

«E agora?», diz o David.